

PERCEPÇÃO DO GEOTURISMO POR GESTORES DO SÍTIO DO PATRIMÔNIO MUNDIAL OURO PRETO (MG)

Ricardo Fonseca*, Nathalia Machado Moutinho** & Paulo de Tarso Amorim Castro ***

Resumo

A cidade histórica de Ouro Preto foi o primeiro sítio patrimonial brasileiro reconhecido pela Unesco, em especial pelos critérios culturais. A cidade e seu entorno têm rico patrimônio cultural e natural, que pode ser mais explorado pelo geoturismo, interpretando os aspectos abióticos, como relevo e rochas. Neste sentido, o objetivo da pesquisa foi o de buscar compreender a percepção do geoturismo por gestores do patrimônio ouro-pretano. A metodologia ocorreu em etapas de escritório e de campo. Na primeira, houve revisão bibliográfica e digital e pesquisa documental, elaboração de instrumento de coleta de dados (formulários estruturados qualitativos e quantitativos). Na segunda, aplicação de entrevista remota pelo Google Meet a grupo focal de gestores do patrimônio de Ouro Preto. Os resultados encontrados demonstram: que a oferta dos atrativos turísticos comercializados tem potencial geoturístico; e que o geoturismo ainda é um conceito pouco compreendido, com ênfase sobremaneira no patrimônio cultural (e turismo cultural), e quando ao patrimônio natural é associado ao ecoturismo e às unidades de conservação. Conclui-se que é necessária maior capacitação de geoturismo dos atores sociais responsáveis pela tomada de decisões patrimoniais.

Palavras-chave: Patrimônio mundial; Patrimônio turístico; Oferta turística; Geoturismo; Gestão de destinos turísticos.

GEOTOURISM PERCEPTION BY OURO PRETO (BRAZIL) WORLD HERITAGE SITE MANAGERS**Abstract**

The historic city of Ouro Preto was the first Brazilian heritage site recognized by Unesco, especially for cultural criteria. The city and its surroundings have a rich cultural and natural heritage, which can be further explored by geotourism, interpreting abiotic aspects, such as relief and rocks. In this sense, the objective of the research was to aim to understand the perception of geotourism by managers of the Ouro Preto heritage. The methodology took place in office and field stages. In the first one, there was a bibliographic and digital review and documental research, elaboration of a data collection instrument (structured qualitative and quantitative forms). In the second, remote interview application by Google Meet to a focus group of heritage managers in Ouro Preto. The results found demonstrate: that the offer of commercialized tourist attractions has geotourism potential; and that geotourism is still a poorly understood concept, with great emphasis on cultural heritage (and cultural tourism), and when natural heritage is associated with ecotourism and natural protected areas. It is concluded that there is a need for greater training in geotourism for the social actors responsible for heritage decision-making.

Keywords: World Heritage; Tourist Heritage; Tourist; Geotourism; Management of tourist destinations.

PERCEPCIÓN DEL GEOTURISMO POR PARTE DE LOS RESPONSABLES DEL SITIO PATRIMONIO DE LA HUMANIDAD OURO PRETO (BRAZIL)**Resumen**

La Ciudad Histórica de Ouro Preto, Brazil, fue el primer sitio patrimonial brasileño reconocido por la Unesco, especialmente alterado culturalmente. La ciudad y sus alrededores cuentan con un rico patrimonio cultural y natural, que puede ser explorado más por el geoturismo, interpretando aspectos abióticos, como el relieve y las rocas. En ese sentido, el objetivo de la investigación fue comprender la percepción del geoturismo por parte de los gestores del patrimonio de Ouro Preto. La metodología se llevó a cabo en las etapas de oficina y campo. En el primero, hubo revisión bibliográfica y digital e investigación documental, elaboración de un instrumento de recolección de datos (formularios estructurados cualitativos y cuantitativos). En la segunda, aplicación de entrevista remota de Google Meet a un grupo focal de gestores patrimoniales en Ouro Preto. Los potenciales resultados encontrados encontraron: que una oferta atractiva por parte de los vendedores tiene el geoturismo; y que el patrimonio sigue siendo un conjunto de conservación en unidades de turismo natural, con énfasis en el turismo natural asociado al ecoturismo a las unidades culturales. Se concluye que existe la necesidad de una mayor formación geoturística de los responsables de la toma de decisiones patrimoniales.

Palabras clave: Patrimonio Mundial; Patrimonio Turístico; Oferta Turística; Geoturismo; Gestión de Destinos Turísticos.



Licenciada por Creative Commons
4.0 / Internacional
CC BY 4.0

* Doutor em Ciências Naturais / UFOP (2017). Mestre em Ciências Naturais / UFOP (2012). Bacharel em Turismo / UFOP (2007). Professor dos cursos de bacharelado em Turismo da Universidade Federal do Delta do Parnaíba e dos mestrados em Turismo e Patrimônio e em Turismo e Sustentabilidade da Universidade Federal de Ouro Preto. CV: <http://lattes.cnpq.br/1600424426811223> [ricardoefonseca@gmail.com]

**Estudante de bacharelado em Turismo da Universidade Federal de Ouro Preto. <http://lattes.cnpq.br/5200644393165132> [nathaliammoutinho@gmail.com]

***Doutor em Geologia / UnB (1997). Mestre em Geologia / UFOP (1988). Bacharel em Geologia / UFMG (1981). Professor dos cursos de bacharelado em Engenharia Geológica, mestrado e doutorado em Evolução Crustal e Recursos Naturais da Universidade Federal de Ouro Preto. CV: <http://lattes.cnpq.br/7247198559551536> [ptacastro@gmail.com]

1 INTRODUÇÃO

As rochas e os minerais são, desde a pré-história, objetos de valor para a humanidade, utilizadas em construções e artefatos, além de extração de minerais para produção de ligas metálicas ou objetos de ornamentação pessoal. Esses e outros “recursos” chamados abióticos, para além do uso funcional, são “Memória do Mundo”, de acordo com a Organização das Nações Unidas para Educação, Ciência e Cultura – Unesco (Edmonson, Jordan & Prodan, 2020). Por vezes, estes recursos são incompreendidos, se valendo do geoturismo para a interpretação da paisagem para os visitantes. Este surge como conceito após discussões da Declaração Internacional dos Direitos à Memória da Terra (Digne, 1991).

Hose (1995, p. 17) definiu o termo pela primeira vez como “provisão de serviços e facilidades interpretativas no sentido de possibilitar aos turistas a compreensão e aquisição de conhecimentos de um sítio geológico e geomorfológico ao invés da simples apreciação estética”. Ele se utiliza de um geopatrimônio como atrativo, como estimula sua proteção pela divulgação das Geociências pela interpretação ambiental (Moreira, 2014); a exemplo de reputação, o patrimônio natural mundial Parque Nacional do Iguaçu em site de avaliação online (Albach, Carvalho & Moreira, 2022).

Parte considerável desse geopatrimônio é natural, que são “os monumentos naturais constituídos por formações físicas e biológicas ou por grupos de tais formações com valor universal excepcional do ponto de vista estético ou científico; as formações geológicas e fisiográficas e as zonas estritamente delimitadas que constituem habitat de espécies animais e vegetais ameaçadas, com valor universal excepcional do ponto de vista da ciência ou da conservação; os locais de interesse naturais ou zonas naturais estritamente” (Stolton & Dudley, 2012).

Diversos estudos analisam sítios do patrimônio brasileiro com o olhar arquitetônico quando patrimônio cultural, e geográfico quando natural. No entanto, muitas vezes a abordagem não é aos recursos abióticos em si, mas funcionalmente, por exemplo rochas como ornamentação e natureza como biodiversidade, via turismo cultural e ecoturismo respectivamente. Tem-se então, como objetivo, identificar o geoturismo no sítio do patrimônio mundial da Unesco no Brasil, Ouro Preto, em Minas Gerais (MG).

Para Gordon (2018, p. 136), “há muitas conexões entre geoturismo e patrimônio cultural que fornecem uma base para atividades de geoturismo”, a exemplo de sítios do patrimônio, paisagens culturais, dentre outros. Para Štrba et al. (2020), a proteção do patrimônio natural e cultural traz benefícios do turismo em áreas protegidas.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

De acordo com a Unesco (1972), “O patrimônio cultural é, em seu sentido mais amplo, tanto um produto quanto um processo, que proporciona às sociedades uma riqueza de recursos que são herdados do passado, criados no presente e concedidos em benefício do futuro gerações (...) composto por monumentos, grupos de edifícios ou sítios que tenham valor universal excepcional do ponto de vista histórico, estético, arqueológico, científico, etnológico ou antropológico”.

Já o patrimônio natural, é composto por

Monumentos naturais constituídos por formações físicas e biológicas ou por grupos de tais formações com valor universal excepcional do ponto de vista estético ou científico;

As formações geológicas e fisiográficas e as zonas estritamente delimitadas que constituem habitat de espécies animais e vegetais ameaçadas, com valor universal excepcional do ponto de vista da ciência ou da conservação (UNESCO, 1972).

Pode-se perceber que os conceitos de patrimônio cultural, natural e afins vão além da visão do meio ambiente enquanto biodiversidade – por exemplo relevo, montanhas, formações geológicas e fisiográficas. A relação entre turismo e patrimônio carece um olhar parcimonioso:

Em suas melhores formas, o turismo pode oferecer uma oportunidade excepcional de aumentar a compreensão do patrimônio natural e cultural (...) fornecendo suporte financeiro de longo prazo para a gestão do sítio, para as comunidades locais e para os operadores de turismo. Porém, um turismo mal gerido ou um número excessivo de visitantes em um sítio podem representar graves ameaças ao Valor Universal Excepcional e degradar a qualidade da experiência dos visitantes – diante, por exemplo, da inadequação das instalações oferecidas (Wijesuriya, Thompson & Young, 2016, p. 74).

Esta relação entre turismo de massa e a peculiaridade de um dado atrativo, levou a estudos de segmentação do mercado turístico, para melhor conhecer a oferta e atender à demanda de públicos específicos. Um exemplo ocorreu em 2006, quando Ministério do Turismo (MTur) definiu 12 segmentos prioritários para o turismo, reconhecendo segmentos relacionados mais diretamente ao patrimônio cultural e natural, respectivamente turismo cultural e ecoturismo.

No entanto, o geoturismo não consta nestas definições. O geoturismo surge enquanto área de estudo na década de 1990, e vem passando por um crescimento no Brasil (Pereira, 2017) e no mundo (Mantesso-Neto et al., 2012; Moreira, 2014; Coutinho et al., 2019; Bento, Farias & Nascimento, 2020; Herrera-Franco et al., 2020).

Quanto ao geoturismo, ele surge enquanto área de estudo em meados da década de 1990 (Hose, 1995), conforme observado na Declaração de Arouca (2011):

O turismo geológico é uma ferramenta fundamental para a conservação, divulgação e valorização do passado da Terra e da Vida, incluindo a sua dinâmica e os seus mecanismos, e permitindo ao visitante entender um passado de 4600 milhões de anos para analisar o presente com outra perspectiva e projetar os possíveis cenários futuros comuns para a Terra e a Humanidade.

Desde então, com o crescimento no Brasil (Pereira, 2017) e no mundo (Mantesso-Neto et al., 2012; Moreira, 2014; Coutinho et al., 2019; Bento, Farias & Nascimento, 2020; Herrera-Franco et al., 2020), vem sendo incrementado, em busca de uma definição mais interdisciplinar, que valorize tanto as geociências, como o turismo, a exemplo de Moreira (2014, p. 16):

um novo segmento de turismo em áreas naturais, realizado por pessoas que têm o interesse em conhecer mais os aspectos geológicos e geomorfológicos de um determinado local, sendo essa a sua principal motivação na viagem.

Este potencial enquanto segmento turístico (Silva, Neiva, Fonseca Filho & Nascimento, 2021) pode ser notado na concepção de política pública de estímulo à conservação da natureza e incremento às atividades econômicas relacionadas, no Manual de Desenvolvimento de Projetos Turísticos de Geoparques no Brasil, desenvolvido pelo MTur (2022) em parceria com Unesco.

Conti, Elicher e Lavandoski (2021, p. 18), associam ainda, dentre outros, o geoturismo enquanto turismo científico no Brasil: “talvez seja, atualmente, o campo de maior abrangência e crescimento quando se pensa numa atividade que alia visitação e ciência”. Neste sentido, ainda apresenta crescimento das pesquisas, bem como diversificação dos métodos (Rodrigues, Affonso & Nascimento, 2022), reverberando na atual interseção com a gestão territorial do patrimônio.

3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

O método da presente pesquisa foi o estudo de caso exploratório de caráter comparativo, de natureza prática, empírica e de cunho quali-quantitativos (Dencker, 1998). Foram duas as etapas realizadas: de escritório e de campo.

Quanto aos métodos, na etapa de escritório foi realizada: revisão bibliográfica, digital e documental das temáticas de patrimônio, turismo e conservação no Google Acadêmico e Base Capes; sistematização da base de dados da Unesco; seleção de grupo focal de entrevistados; contato de forma não presencial aos potenciais entrevistados por e-mail e fale conosco dos sites oficiais das respectivas instituições.

Quanto aos materiais, na etapa de escritório: elaboração de dois instrumentos de coleta de dados (Delgado, 2011) quali-quantitativos a gestores e pesquisadores de sítios do patrimônio brasileiros para entrevista remota pelo Google Meet; elaboração de Termo de Consentimento e Livre Esclarecido - TCLE; análise SWOT de 27 sítios do patrimônio brasileiro; análise e tabulação dos resultados no Google Sheets; licença ética em pesquisa da Universidade Federal de Ouro Preto - UFOP (CAAE 31626320.1.0000.5150); transcrição de entrevistas e elaboração de relatórios no Google Docs.

Os quatro entrevistados amostrados são gestores de instituições relevantes para a gestão pública do patrimônio ouro-pretano: Conselho Municipal de Turismo de Ouro Preto, Iphan-escritório Ouro Preto, Secretarias Municipais de Cultura e Patrimônio e de Turismo, Indústria e Comércio de Ouro Preto – não houve retorno da tentativa de entrevista com a Secretaria Municipal de Meio Ambiente para um olhar mais específico do patrimônio natural. Apesar da disponibilização do TCLE, para preservação do anonimato dos participantes os mesmos serão citados como Entrevistado/a 1, Entrevistado/a 2 e assim sucessivamente.

A primeira parte da entrevista e do questionário elaborado a partir do método survey (Babbie, 2003), teve por objetivo compreender o que os atores sociais (stakeholders) amostrados entendem por patrimônio, cultural, natural e geológico e sua importância nos sítios do patrimônio da humanidade. Na segunda parte, pretendeu compreender sobre o fenômeno turístico, seus atrativos e o perfil do turista do sítio patrimonial Ouro Preto. Já a terceira parte se ateve a compreender como as e os atores sociais entendem os conceitos de Geoturismo e Geoparque - conceituando sempre após a resposta para não se assemelhar a um interrogatório. A última parte, socioeconômica (IBGE, 2020), teve por objetivo entender quem é o entrevistado quanto à nível e áreas de instrução, idade, raça/etnia e nível de renda.

Já na etapa de campo - remoto, devido aos protocolos sanitários de segurança diante da pandemia da Covid-19: ao longo de cinco meses (novembro de 2020 a março de 2021), entrevista remota a quatro gestores pelo Google Meet. Após transcrição das entrevistas, fez-se a análise de conteúdo dos dados (Bardin, 2016) aplicada ao turismo, conforme Sousa, Rodrigues e Tomazzoni (2016). Para melhor ilustração também foram geradas nuvens de palavras a partir do Word Cloud Generator e gráfico a partir do Google Sheets.

4 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

4.1 Descrição da Área de Estudo

Ouro Preto está localizada em Minas Gerais, na Serra do Espinhaço, na região denominada Quadrilátero Ferrífero (QFe) (Salgado, 2010). Esta feição geológica cuja forma aparenta um quadrado (Roeser & Roeser, 2010) se encontra no centro-sudeste do Estado mineiro se estendendo ao sul da cidade de Belo Horizonte.

Ouro Preto, situado a sul do QFe, é reconhecido pelo rico patrimônio cultural no centro histórico (Figura 2) e natural como no entorno, a exemplo do Pico do Itacolomi (Figura 2), com 1.772 m de altitude, que serviu como referência para a chegada dos bandeirantes em busca de minerais, no século XVIII.

Figuras 1. Casas coloniais da cidade de Ouro Preto; **2.** Atrativo geoturístico Pico do Itacolomi a partir do Morro de Santana.



Fonte: 1) M & G Therin-Weise, sd; 2) Coautora, 2020.

Conforme Sepatri-OP (2022), o município conta com 78 bens tombados (68 imóveis, quatro imateriais, dois históricos/arqueológicos/paisagísticos, 2 móveis, 1 conjunto arquitetônico e 1 núcleo histórico), Ouro Preto abrange um patrimônio natural extenso. Seu perímetro urbano contém 75,84% de áreas verdes sendo o restante urbanizado (Lucon, Prado Filho & Sobreira, 2013). Destas, cerca de 20 UCs de seis categorias, que ocupam parte importante do território do município.

4.2 Apresentação dos Dados

Foram contatados cinco atores sociais com participação pelo Google Meet de quatro (80%). Na primeira parte da entrevista denominada "Patrimônio", as perguntas feitas foram acerca do entendimento de patrimônio, importância do patrimônio cultural, importância do patrimônio natural, entendimento sobre patrimônio geológico, importância do patrimônio geológico em Ouro Preto e sobre a gestão do patrimônio no município.

Na primeira parte da entrevista, relacionada ao conceito de patrimônio, nota-se uma tendência ao patrimônio cultural, conforme nuvem das palavras mais citadas pelos entrevistados cujo destaque quanto à patrimônio são as "memórias", de patrimônio cultural "gente" e de patrimônio natural "território, história e vidas" (Figura 3). Nota-se um encontro com estudo de Osipova et al. (2014), quanto aos benefícios da conservação do patrimônio natural, como conservação da biodiversidade e oportunidades para o turismo e a cultura.

Figuras 3. Nuvens de palavras de "Patrimônio"; **4.** "Patrimônio cultural"; e **5.** "Patrimônio natural".



Fonte: 3, 4 e 5) Word Cloud Generator, 2021.

A segunda parte da entrevista se deteve a compreender sobre o Turismo no município de Ouro Preto a partir da visão de suas instituições e seus representantes, seus atrativos, interpretação patrimonial aplicada ao turismo, segmentação e perfil do turista.

No terceiro bloco da entrevista, a respeito do geoturismo e afins, focou-se na importância do geoturismo para a gestão turística de Ouro Preto, se há demanda geoturística no município e sobre a necessidade de capacitação específica para guias e

agências trabalhem com esse segmento no município (Quadro 1).

Na parte final da entrevista, referente à aspectos socioeconômicos, a maioria dos entrevistados se declarou do gênero feminino (50%), pardos (75%), católicos (100%), com idade média de 44 anos, nível de instrução superior em ciências sociais aplicadas/humanas (turismóloga, mestre em patrimônio histórico e cultural, arquiteto e historiadora) e com média salarial de cerca de 7 salários-mínimos.

A monumentalização da cidade, em nível nacional em 1933 e patrimonialização em nível mundial em 1980, fortalecem seu patrimônio edificado, o mais explorado pelo turismo, conforme pesquisas de demanda (Minas Gerais, 2017; Ouro Preto, 2017), a exemplo da fala do Entrevistado 2: “(...) vou dizer aquilo que parece ser mais valorizado no contexto da comunicação e da promoção: o caminho tronco que é parte do centro histórico, não é o centro histórico completo(...)”. O citado “caminho tronco” foi denominado por Vasconcellos (1956), referente à rota principal utilizada nos primórdios da então vila, entre os bairros Padre Faria e Pilar, passando pela Praça Tiradentes.

Segundo Silva (2016, p. 45), “é marcado pela riqueza arquitetônica e estilística do Barroco Mineiro em vários exemplares da arquitetura vernacular, sobretudo no centro histórico tombado, e em monumentos como as Igrejas (...), passos, pontes e chafarizes”. Assim, percebe-se uma “difícil relação entre o centro histórico e suas áreas de entorno” (Brasileiro & Dangelo, 2017, p. 257), como o patrimônio arqueológico do Morro da Queimada (Bueno, 2019) e os geológicos das serras (Queiroz et al., 2020) e distritos (Lima & Ruchkys, 2019).

Apesar fala do entrevistado anterior, em geral as respostas dos entrevistados demonstraram que o patrimônio imaterial e natural também tem importância, ainda que o natural não tenha tanta em relação às políticas públicas, de acordo com a Entrevistada 1: “eu conheço pouco, vou ser sincera com você, com relação a nossa parte natural, mas eu acredito que a gente precise trabalhar mais, principalmente em questão de políticas públicas. Muito do que a gente tem de políticas públicas aqui em Ouro Preto tá muito focado no cultural, eu acho que o natural acaba perdendo um pouquinho com isso.”

Por outro lado, a mesma entrevistada, respondeu quanto à gestão do patrimônio que “a secretaria de turismo não é responsável por desenvolver políticas públicas de preservação do patrimônio”. Observa-se que o entendimento do patrimônio cultural não abrange parte geológico do patrimônio de “pedra e cal” (Silva, 2007), ou seja, rochas e minerais constituintes de grande parte dos monumentos da “cidade-atração” (Sant’Anna, 2017).

Os demais entrevistados do poder executivo municipal (secretarias de cultura e de turismo), por sua vez, capitanearam a gestão do patrimônio para o Iphan, entrevistado este que reitera a gestão do patrimônio cultural pelo órgão, contanto reforça que “a gestão é toda muito integrada embora a gente ainda entenda de uma forma fragmentada”.

Embora não se possa perder de vista que o turismo em cidades patrimoniais pode gentrificar – conforme analisado por Navarrete (2018) em dois sítios do patrimônio da humanidade no México, San Miguel de Allende e Guanajuato –, a entrevistada corrobora a fala dos entrevistados anteriores, da união e divisão de responsabilidades e parcerias quanto à gestão patrimonial. O que não exime a responsabilidade do escritório do Iphan em Ouro Preto, que segundo Grammont (2006, p. 465) precisa rever políticas de incentivo à preservação, como “reformulação da estrutura do Iphan” e de educação patrimonial, como “divulgar o trabalho e as diretrizes do Iphan”. Por sua vez, estudo de Matheus e Raimundo (2015) em áreas protegidas de São Paulo, observou as políticas públicas pelos pilares social e econômico com relação às UCs, fazendo, assim uma correlação do patrimônio natural com o cultural.

Ainda na parte sobre Patrimônio, foi questionado o que as e os atores sociais compreendem por “patrimônio geológico” e sua importância no município a maior parte associou à mineração e a formação geológica e isso sendo consequência para o reconhecimento mundial de Ouro Preto: “No meu entendimento esse patrimônio geológico, as serras, as minas, as rochas de pedra, os rios, a formação dos rios, os metais e minerais eles fazem parte de todo um cenário de patrimônio cultural que levou Ouro Preto a ser tombada como Patrimônio Cultural da Humanidade pela UNESCO” (Entrevistada 3). Tal olhar condiz com a percepção do “patrimônio paisagístico” do Quadrilátero Ferrífero por Crespo (2015), como um elo entre o patrimônio natural e o cultural (Pereira et al., 2012).

O Entrevistado 4 associou o patrimônio geológico à natureza e ao urbano, pode-se conectar esse pensamento à ideia de geoturismo urbano (Gomes, Ponciano & Mansur, 2020; Fonseca Filho, Santos & Castro, 2021): “pra mim o entendimento de patrimônio geológico tá tão relacionado com as questões da natureza, mas também com o urbanismo, as construções”, corroborando Costa (2021). Para a Entrevistada 3, houve associação em relação ao urbanismo e às manifestações culturais:

Sem dúvida. A própria cidade né. Não assim, claro. Há que se considerar que tem regiões que podem ser exploradas geologicamente

em amplitude muito maior que Ouro Preto. Mas Ouro Preto tem sim.

A geologia, o patrimônio geológico, ele é parte do patrimônio cultural e o patrimônio material não existiria, nem o imaterial porque até as manifestações artísticas, folclóricas e culturais, o que Ouro Preto tem e é muito rico, veio da memória, da identidade que remete ao período colonial. As minas elas nos geraram a história do reinado, os congados, as charolas.

Quando questionados sobre Geoturismo e sua importância, Geoparque e potencial geoturístico as e os atores sociais tiveram respostas similares, associando à arqueologia, à geografia, ao urbanismo e ao desenvolvimento sustentável, dois inclusive disseram que o Parque do Itacolomi é um geoparque - ainda que não tendo total compreensão do conceito e associando completamente ao ecoturismo -, reiterando o que Fonseca Filho e Moreira (2017) se debruçaram: “dá pra trabalhar um geoparque como um espaço que tenha muito mais relação com a natureza, por exemplo o Parque do Itacolomi, das Andorinhas, são espaços que são voltados pra isso” (Entrevistado 4).

Talvez a única solução sustentável da cidade. Porque a gente fala hoje da atividade turística como se ela fosse predominante na economia do município quando a gente tá totalmente atrelado à mineração. E a mineração tem prazo de validade, a gente sabe disso. E seus efeitos não. E torna as regiões estéreis. Você aproveita a riqueza que ela tem e essa riqueza acaba. Agora utilizar o geoturismo, no entendimento de desenvolvimento sustentável, talvez seja a única possibilidade de desenvolvimento de fato, desenvolvimento humano, desenvolvimento econômico, desenvolvimento social da cidade. (Entrevistado 2)

Neste sentido, Gray e Crofts (2022, p. 70), destacam o papel das geociências – que embasam o geoturismo – na contribuição para, por exemplo, os Objetivos do Desenvolvimento Sustentável (ODS) 11 – Cidades e comunidades sustentáveis:

“o papel das geociências será importante no planejamento do crescimento das cidades; por exemplo, na compreensão das condições do solo e dos aquíferos subterrâneos, evitando áreas perigosas e realizando avaliações de risco, identificando fontes de material de construção e evitando a esterilização de recursos minerais através da construção em cima deles”.

E do ODS 12 - Consumo e produção responsáveis: “Desenvolver e implementar ferramentas para monitorar os impactos do desenvolvimento sustentável para o turismo sustentável, que gera empregos, promove a cultura e os produtos locais”.

Os fenômenos climáticos mais intensos, como períodos de chuva, podem ser tanto objeto de proteção do patrimônio cultural (Zanirato & Ribeiro, 2014), quanto também de interpretação dos riscos – já apontados pelo Serviço Geológico do Brasil (CPRM, 2016) – e uma visão integradora do modelo de ecossistema pelas ciências biológicas, físicas e sociais, como o geoindicador “erosão do solo e de sedimentos” (Higgins & Wood, 2001).

Por sua vez, Buckley (2003) entende que o geoturismo contribui positivamente para o tripé da sustentabilidade em parceria com o ecoturismo, a exemplo da gestão e interpretação ambiental como meios e não fins. Embora para os entrevistados haja pouca interpretação patrimonial em Ouro Preto, chamando atenção que parte é depredada (Entrevistada 1), se localiza somente em parte da cidade (Entrevistado 2), e há gestão por outras pastas que não a turística (Entrevistado 4).

Quadro 1. Análise de conteúdo das respostas dos entrevistados.

Variável	Unidade de Registro	Unidade de contexto
Entendimento empírico de Patrimônio Geológico	Ruínas, história	<i>Eu penso que “patrimônio geológico” é alguma coisa do passado que está em ruínas, não se conservou e tem uma história. (Entrevistada 1)</i>
	Formação geológica	<i>É a primeira vez que eu escuto (...) talvez aquilo que permita formações, que seja representativo da formação da própria geologia. (Entrevistado 2)</i>
	Formação geográfica e geológica de Ouro Preto e distritos	<i>Eu acho que tem muito a ver com a formação geográfica e geológica da municipalidade, de Ouro Preto e distritos, é muito importante estudar a geologia porque além do ouro nós temos pedras preciosas (...) (Entrevistada 3)</i>
	Questões da natureza e urbanísticas	<i>Vamos ter nossos picos, nossas cachoeiras, não como patrimônio hídrico, mas como espaço que tem relação geológica; nossas trilhas, nossos parques, e a própria cidade (...) relacionado com as questões da natureza e com o urbanismo, as construções. (Entrevistado 4)</i>
	Mineração, potencial cultural, turisticamente pouco explorado	<i>Aqui está relacionado com a mineração (...) pode ter o potencial, mas não tanto quanto o cultural e nem é tão explorado assim (...) turisticamente. (1)</i>
	Patrimônio natural, formação geológica	<i>Associo com o patrimônio natural (...) sobre a formação da cidade, das serras e vales tem uma relação muito direta com a geologia. (...) a relevância desse acervo geológico pode transportar o patrimônio natural, a formação geológica da cidade. (2)</i>

Quadro 1. Análise de conteúdo das respostas dos entrevistados. (cont...)

Importância do Patrimônio Geológico	Patrimônio cultural material e imaterial	<i>A geologia, é parte do patrimônio cultural material e imaterial, não existiria porque até as manifestações artísticas, folclóricas e culturais, o que Ouro Preto tem e é muito rica, veio da memória, da identidade que remete ao período colonial. As minas nos geraram a história do reisado, os congados, as charolas. Patrimônio cultural tem que considerar o patrimônio geológico, é a Terra, é a formação da Terra, é o sangue que corre na terra e que identifica a nossa cultura, as serras, as minas, as rochas de pedra, os rios, os minerais fazem parte de todo um cenário de patrimônio cultural que levou Ouro Preto a ser tombada como Patrimônio Cultural da Humanidade pela UNESCO. (3)</i>
	Ferramenta para o desenvolvimento socioeconômico, biodiversidade, educação patrimonial e ambiental	<i>Uma importante ferramenta para o desenvolvimento socioeconômico, reconhecimento como agente divulgador das nossas espécies de fauna e flora. Um entendimento de educação patrimonial e ambiental, senão a gente vai pra uma loucura de exploração sem respeito ao meio ambiente, é o agente de desenvolvimento econômico. (4)</i>
Entendimento de Geoturismo	Sítios arqueológicos, infraestrutura visitação	<i>(...) um turismo focado nos sítios arqueológicos, de uma determinada área, local e se cria uma estrutura de visitação. (1)</i>
	Geografia	<i>(...) é uma expressão conhecida, mas não consigo delimitar... Ligação com geografia. (2)</i>
	Formação regional, arqueologia	<i>Para que a gente dê importância à formação da nossa região. (...) Ouro Preto é um sítio arqueológico, o geoturismo aqui é rico arqueologicamente falando. O geoturismo tem que está associado à arqueologia. (3)</i>
	Questões naturais e urbanísticas, holístico	<i>Envolve tanto as questões naturais quanto as questões urbanísticas (...) é como um todo. (4)</i>
Entendimento de Geoparque	Lugar para o geoturismo	<i>Tem diferença Geoparque?... Geoparque é o lugar onde acontece o Geoturismo, não? (1)</i>
	Não sabe	<i>Acho que eu não vou me arriscar nessa definição. (2)</i>
	Área preservada, Parque do Itacolomi	<i>Uma área preservada, denominada parque.... O Parque Itacolomi é um geoparque. (3)</i>
	Espaço natural, Parque do Itacolomi, Parque das Andorinhas	<i>(...) um espaço que tenha muito mais relação com a natureza, por exemplo o Parque do Itacolomi e o das Andorinhas, são espaços voltados para isso (...) uma conotação do turismo e do aproveitamento ao ar livre (...) a própria questão urbanística também é um parque. (4)</i>
Potencial Geoturístico do local	Rochas, sítio arqueológico	<i>Tem. [por exemplo] um projeto de extensão (...) "Casa do Pocinho" (...) Não sei se aquelas rochas fizeram a porta do Museu do Oratório, na porta da Igreja, (...) quais portas dos monumentos de Ouro Preto saíram dali. E ali tem um potencial (...) é um sítio arqueológico que tem um potencial para ser trabalhado. (1)</i>
	Sim	<i>Muito. (Entrevistado 2)</i>
	Exploração geológica	<i>Sem dúvida. A própria cidade (...) há regiões que podem ser exploradas geologicamente em amplitude muito maior que Ouro Preto. Mas Ouro Preto tem sim. (3)</i>
	Mapeamento, planejamento	<i>Sim, inúmeros. Se mapearmos (...) a gente consegue criar uma série de projetos especiais e fazer um planejamento turístico em cima disso. (4)</i>
Importância do Geoturismo	Preservação, econômico	<i>(...) a questão da preservação, esse turismo pode vir com uma proposta, claro que o turismo vem com um viés econômico, que não tem o único sentido de preservar, a questão econômica prevalece sobre a atividade. (1)</i>
	Desenvolvimento sustentável	<i>(...) utilizar o geoturismo, no entendimento de desenvolvimento sustentável, talvez seja a única possibilidade de desenvolvimento de fato, desenvolvimento humano, econômico e social da cidade. (2)</i>
	Fomento, renda, emprego, sustentável	<i>Estudo das origens (...)é preciso que determinadas áreas sejam delimitadas e reconhecidas para geoturismo, inclusive para fomento, geração de renda, emprego, de forma sustentável. (3)</i>
	Preservação, desenvolvimento econômico	<i>O principal deles: como agente de preservação, de conhecimento dos espaços (...) quando se tem o sentimento de pertencimento, de integralidade é muito mais difícil que esse espaço vire um campo de mineração (...) a questão do conjunto arquitetônico de fato é a preservação (...) um importante agente de desenvolvimento socioeconômico. (4)</i>
Demanda Turística para o Geoturismo	-	<i>Eu acredito que sim, com certeza. (1)</i>
	Atrativos Turísticos, Capacidade de Carga	<i>Eu acho que tem a demanda, a gente não tem a infraestrutura para suportar isso hoje, mas teria potencial para ampliar e muito, (...) entendendo que todos os atrativos e produtos têm seus limites, as suas capacidades de carga, mas é possível descentralizar a atividade turística no próprio distrito-sede. (2)</i>
	Exploração	<i>(...) sim, desde que seja construído um conceito bem elaborado e que explore todo o potencial. (...) acho muito interessante tocar nesse assunto. (3)</i>
	Grande oferta, atrativos sucateados	<i>Sim (...) não adianta criar mais alternativa no momento em que já existem muitos equipamentos, muito atrativos de forma que estão sucateados. (4)</i>
	Infraestrutura (governo), comercialização (empresas)	<i>(...) a primeira coisa que eu acho que precisa ser feito é a estrutura, definição de papéis. Primeiro o poder público tem que entrar nesse processo, criar a infraestrutura, de acessibilidade, para que de fato a atividade turística se desenvolva no parque, na área. O setor privado entra comercializando,</i>

Quadro 1. Análise de conteúdo das respostas dos entrevistados. (cont...)

Necessidade de capacitação específica		<i>explorando. E a qualificação de todos os prestadores de serviço é fundamental nesse processo para a comercialização. (1)</i>
	Guiamento turístico	<i>Acho sim. O tratamento de guias é um tema polêmico porque eles têm uma certa tradição. Eu particularmente acho a abordagem agressiva, superficial, pobre diante da riqueza (...) é necessário trabalhar a prestação de serviços que de modo geral a qualidade é muito ruim. (2)</i>
	Sim	<i>Sem dúvida. A capacitação é uma coisa que tem que ser permanente. (...) acho que Ouro Preto pode ser a primeira cidade a ter excelência em oferecer esse turismo. (3)</i>
	Guiamento turístico	<i>Sim, importantíssimo. A gente está passando por um processo de entendimento, reconhecimento e profissionalização do turismo, os guias precisam passar por capacitação e reciclagem. Muitos deles não são guias de turismo (que é uma profissão reconhecida), são promotores turísticos. Estamos tentando mudar a ideia de cicerone. (4)</i>

Fonte: elaboração própria.

Pelas falas dos entrevistados específicas ao geoturismo é possível se fazer algumas interpretações. A compreensão do patrimônio geológico é parcial, não pela significância (Brilha, 2005), mas enquanto geodiversidade, p.ex. ruínas (Entrevistada 1), formações geológicas (Entrevistado 2) e geográfica-geológicas (Entrevistado 3). Estudos de Cañizares, Bourotte e Garcia (2019) e de Dey, Tucková e Dey (2021), demonstraram similaridades, de deficiência de conhecimento específico em geociências por parte da população.

Observa-se que não se citou o perfil do turista como de geoturista, mas como de turismo pedagógico (Entrevistada 2) e turismo de experiência e de lazer (Entrevistado 4). Considerando classificação de Hose (2003), poder-se-ia dividir parte dos entrevistados como medianamente social e intelectual envolvidos, e pouco ativos, aproximando do “fotógrafo” e do “estudante diligente”.

Trazendo à tona os critérios de reconhecimento enquanto sítio do patrimônio da humanidade (Unesco, 2021), a escolha de Ouro Preto se deveu a: “(i) representar uma obra-prima do gênio criativo humano” e “(iii) dar um testemunho único ou pelo menos excepcional de uma tradição cultural ou de uma civilização que está viva ou que desapareceu”. Todavia, a partir de evento do Iphan em Ouro Preto (2012), notou-se a expansão do conceito de patrimônio cultural, sendo as políticas de preservação com para além da excepcionalidade, por exemplo através da cidadania e o patrimônio enquanto território.

Apesar do reconhecimento em 1990, as Diretrizes Operacionais da Unesco de 2002 demonstram que os critérios (i) e (iii) também são do patrimônio natural, enquanto nas mesmas diretrizes em 2005, acrescentam novos critérios para o patrimônio natural, com destaque para quatro elementos, de maior atração para o geoturismo:

(vii) conter fenômenos naturais superlativos ou áreas de excepcional beleza natural e importância estética;

(viii) ser exemplos notáveis que representam os principais estágios da história da Terra, incluindo o registro da vida, processos

geológicos significativos em andamento no desenvolvimento de formas de relevo ou características geomórficas ou fisiográficas significativas;

(ix) ser exemplos notáveis que representam processos ecológicos e biológicos significativos em curso na evolução e desenvolvimento de ecossistemas terrestres, de água doce, costeiros e marinhos e comunidades de plantas e animais;

(x) para conter os habitats naturais mais importantes e significativos para a conservação in situ da diversidade biológica, incluindo aqueles que contêm espécies ameaçadas de valor universal excepcional do ponto de vista da ciência ou da conservação.

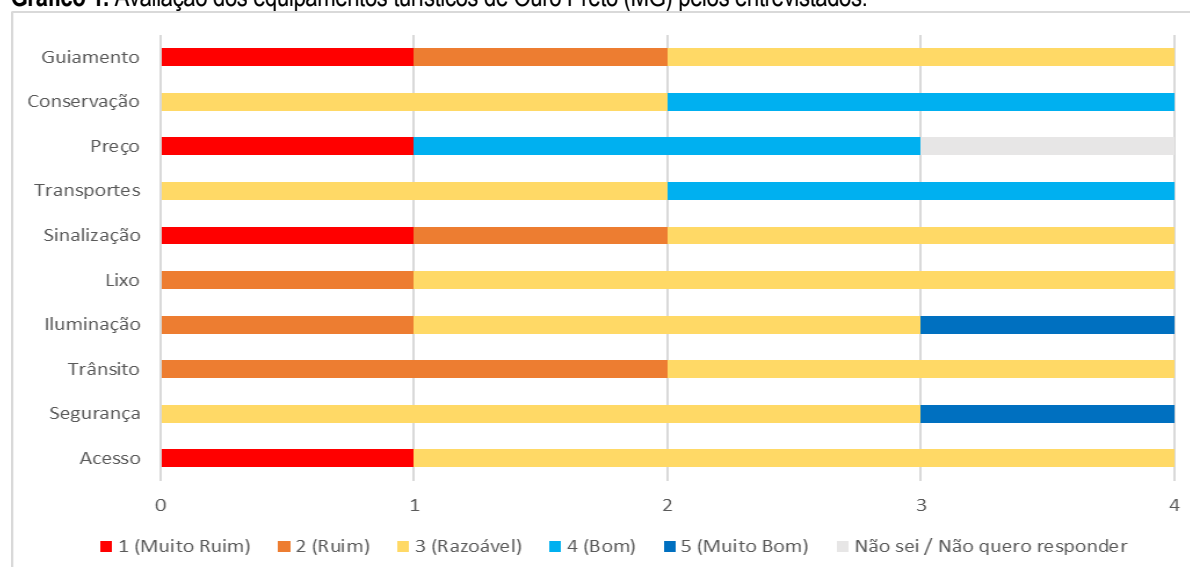
Não se pode esquecer que o patrimônio cultural também carrega elementos naturais, como as rochas constituintes de edificações, e também os saberes e fazeres da mineração, conforme destacado como principais atrativos do município respectivamente pelos entrevistados 2 (“patrimônio edificado”) e 4 (“os agentes culturais, os fazeres...as experiências”).

A percepção da entrevistada 2 vai ao encontro de estudos de Paula (2013), que propôs um roteiro na cidade, destacando 11 lugares de interesse geológico e mineiro, parte de edificações como museus e igrejas.

Apesar da rica oferta turística cultural e natural, para os entrevistados, nota-se que a maior parte considera a qualidade dos equipamentos turísticos como razoável (acesso, limpeza e segurança), sendo os melhores avaliados transporte, preço e conservação, enquanto que o pior, o trânsito (Gráfico 1).

Quarenta anos após reconhecimento da cidade como sítio cultural, a comitiva da Unesco referendou a proteção, conforme reportagem do Iphan (2020), em que se nota claramente o olhar ao patrimônio cultural, embora não se valorize aspectos do geoturismo urbano e patrimônio pétreo das edificações, monumentos e arruamentos do centro histórico - ainda assim ricos de patrimônio natural, como o Parque Natural Municipal Horto dos Contos e o Jardim Botânico do Passa-Dez.

Gráfico 1. Avaliação dos equipamentos turísticos de Ouro Preto (MG) pelos entrevistados.



Fonte: dados da pesquisa, 2021.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O turismo é um fenômeno complexo. Por envolver fixos e fluxos – e.g. atrativos e deslocamentos respectivamente – no espaço turístico, está em constante transformação. O legado das sociedades, seja na forma de patrimônio construído (material e imaterial), seja o natural, deve ser preservado para as futuras gerações. No entanto de forma dialética, trazendo novas impressões no tecido, em especial, urbano, território tão alterado após a industrialização.

As universidades e centros de pesquisa têm um papel fundamental, juntamente com a gestão pública, empreendedores do setor privado e sociedade civil organizada, no reconhecimento, valorização, sensibilização e mobilização pela proteção do seu patrimônio. Desde as cartas patrimoniais da Unesco e a legislação do antigo Iphan até as convenções de áreas protegidas da União Internacional para a Conservação da Natureza - IUCN e de UCs do ICMBio, o patrimônio - respectivamente cultural e natural - é protegido.

Embora o título não garanta a proteção – e por vezes até exclua populações tradicionais, no que Costa (2012) denomina “patrimônio-territorial” – não se pode transformar em “cidade-monumento”, tal qual análise de Meniconi (1999) a respeito de Ouro Preto. Abordagem esta que reforçou a priorização do olhar do patrimônio cultural de Ouro Preto, via demanda turística a atrativos como museus, igrejas e estátuas. O entrevistado 4 mesmo pergunta “e daí Ouro Preto ser patrimônio da humanidade, o que se ganha com isso?”.

Em que o mesmo responde: “muitas vezes o papel de manutenção da história, das tradições, dos

bens culturais, do patrimônio físico, ele é importante para as pessoas saberem de onde elas vieram”. Apesar da citação do patrimônio natural, percebe-se pelos entrevistados uma ênfase no “estilo patrimônio” (Motta, 1987). É preciso perseverança no patrimônio natural, cujo geoturismo ao trazer nova luz sobre o patrimônio geológico, na forma das ladeiras, vales, picos, parques, rochas, grutas, entre outros vem, desde tempos pré-coloniais garantindo recursos naturais às populações de outrora, como indígenas e bandeirantes, e atuais, como moradores e turistas da cidade.

Assim, ecoturismo, turismo de aventura, turismo rural, geoturismo e outros segmentos turísticos afins ganham destaque no espaço ouro-pretano; aparentemente histórico-cultural, mas que no centro histórico, no seu entorno e nos distritos têm áreas (naturais ou não) protegidas com estrutura para os visitantes, sejam comunidade ou turistas.

O geoturismo ainda carece de maior sensibilização e mobilização das gestoras e dos gestores públicos e mais pesquisadoras e pesquisadores de forma interinstitucional e interdisciplinar respectivamente. Além da ponte da pesquisa e das políticas públicas com a extensão, via roteiros comerciais – a exemplo de roteiro geoturístico em Lisboa (Caetano, Pantuleia & Ferreira, 2011), informação em atrativos disponibilizados pelo setor privado (e.g. museus, agências de receptivo e guias de turismo) e percepção dos autóctones a respeito dos impactos turísticos conforme estudo de León e Delgado (2021).

Ademais, a participação da população local de Ouro Preto é lugar-comum para que o geoturismo seja sustentável socialmente e não somente econômica e

ambientalmente, ou seja, para que esteja baseado no desenvolvimento sustentável.

Este apontamento foi observado na maioria da fala dos entrevistados e na revisão de literatura e documental dos sítios: uma visão contemplativa do geoturismo (mais parecida com o ecoturismo), voltado à geologia e mineração, que ocorre em unidades de conservação como parques, e sem diálogo entre os atores sociais. Ou seja, gestores e legisladores públicos sem normatizar a atividade, os empresários sem aproveitar o conhecimento das pesquisas, pesquisadoras e pesquisadores com estudos pontuais.

Contudo, percebe-se que: há vontade política, pesquisas científicas crescentes e diversas, interesse do empresariado e dos turistas. Quanto às limitações cita-se a não realização de trabalhos de campo in situ devido à pandemia da Covid-19; não inventariação e valoração de geossítios e sítios da geodiversidade; não entrevista à comunidade residente e a visitantes.

Tendo-se em vista a continuidade da pesquisa, recomenda-se: a diversificação da amostra, incluindo outros sítios mundiais da humanidade no Brasil, e público-alvo de comunidade e turistas. Em termos de contribuição, a pesquisa vem fomentar o ensino e a pesquisa na UFOP e servir de material para revisão de plano diretor, planos de manejo de UCs e das políticas municipais de turismo, de patrimônio e de meio ambiente.

Espera-se que os resultados aqui encontrados, cheguem tanto às instâncias de governança de maior alcance, como IUCN/Unesco, Iphan/MTur e ICMBio/MMA, quanto locais, como conselhos consultivos de UCs, comitê gestor do Quadrilátero Ferrífero, conselho municipais de turismo, de meio ambiente e de patrimônio, Circuito Turístico do Ouro, associações de moradores, Câmaras de Vereadores, Sistema de Museus e afins.

Conclui-se que o estudo alcançou parte de seus objetivos, reconhecendo o geoturismo como um importante fator de conservação e de desenvolvimento em Ouro Preto, valorizando, assim, o geoturismo enquanto segmento turístico, que fortalece o ecoturismo e o turismo cultural na lida com o patrimônio natural e o cultural respectivamente.

REFERÊNCIAS

Albach, V. M.; Carvalho, K. G. & Moreira, J. C. (2022). Reputação online do patrimônio natural: o Parque Nacional do Iguaçu (PR) no website Tripadvisor. *Revista Anais Brasileiros de Estudos Turísticos*, 12(n. único), 1-13.

Augusto de Lima Jr. (1965). *A Capitania das Minas Gerais (origens e formação)*. Belo Horizonte: Edição do Instituto de História, Letras e Artes, 1965.

Babbie, E. (2003). *Metodologia de pesquisa survey*. Belo Horizonte: Ed. da UFMG.

Bento, L. C. M.; Farias, M. F. & Nascimento, M. A. L. (2020). Geoturismo: um Segmento Turístico? *Revista Turismo: Estudos e Práticas*, 9(1), 1-23.

Brasil. (2000). *Lei nº. 9.985 – SNUC*. Recuperado de: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/19985.htm

Brasileiro, V. B. & Dangelo, A. G. D. (2017). Ouro Preto, vila (des)aparecida: a difícil relação entre o centro histórico e suas áreas de entorno. *Oculum Ensaios*, 14(2), 257-273.

Brilha, J. R. (2005). *Patrimônio geológico e geoconservação*. São Paulo: Palimage.

Buckley, R. (2003). Environmental inputs and outputs in Ecotourism: Geotourism with a positive Triple Bottom Line? *Journal of Ecotourism*, 2(1), 76-82.

Bueno, F. A. B. (2019). *A paisagem de Ouro Preto como espacialização no tempo: A experiência e a vivência do Morro da Queimada*. Dissertação de Mestrado, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte.

Caetano, P. S.; Pantuleia, M. L. A. S. & Ferreira, M. I. M. (2011). Entre a superfície e o subterrâneo: proposta de percursos geoturísticos urbanos em Lisboa. *Tourism & Management Studies*, 1, 426-437.

Cañizares, P. A. D.; Bourotte, C. L. M. & Garcia, M. G. M. (2019). Estudo exploratório sobre a percepção da Geodiversidade e das Geociências pela população da Região Metropolitana de São Paulo. *Anuário do Instituto de Geociências*, 42(4), 375-386.

Conti, B. R., Elicher, M. J., & Lavandoski, J. (2021). Revisão sistemática da literatura sobre Turismo Científico. *Revista Brasileira de Pesquisa em Turismo*, 15(2), e-1981.

Costa, A. G. (2021). Pedras de Minas: usos históricos e contemporâneos. In: E. A. Lama. (Org.). *Patrimônio em Pedra*. São Paulo: Instituto de Geociências da USP.

Costa, E. V. (2012). Patrimônio e território urbano em cartas patrimoniais do século XX. *Finisterra*, 47(93), 5-28.

Coutinho, A. C. A.; Urano, D. G., Mate, A. J. & Nascimento, M. A. L. (2019). Turismo e Geoturismo: uma problemática conceitual. *Revista Rosa dos Ventos*, 11(4), 754-772.

CPRM. (2016). Ação emergencial para reconhecimento de áreas de alto e muito alto risco a movimentos de massa e enchentes. Brasília: Serviço Geológico do Brasil.

Crespo, J. C. M. (2015). *Das "Minas" e suas Serras: narrativas de construção das paisagens da mineração no Quadrilátero Ferrífero (MG)*. Tese de Doutorado, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte.

Delgado, A. K. C. (2011). *Mapeamento de stakeholders nas áreas conexas de Turismo e Meio Ambiente: um estudo em João Pessoa/PB*. Dissertação de Mestrado, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal.

Declaração de Arouca. (2011). Acessado em https://www.azoresgeopark.com/media/docs/declaracao_d_e_arouca_geoturismo.pdf

Delphim, C. F. M. (2009). O patrimônio natural no Brasil. In: P. A. Funari, S. C. A. Pelegrini & G. Rambelli (Org.). *Patrimônio cultural e ambiental: questões legais e conceituais*. São Paulo: Annablume.

Dencker, A. F. M. (1998). *Métodos e técnicas de pesquisa em turismo*. São Paulo: Futura.

Dey, S.; Tucková, Z. & Dey, R. S. K. (2021). Residents' perception towards Geoheritage conservation and tourism development: evidence from Jodhpur, India. *GeoJournal of Tourism and Geosites*, 38(4), 1057-1068.

Digne. (1991). *Declaração Internacional dos Direitos à Memória da Terra*. Acessado em encurtador.com.br/pFIM8

Edmonson, R.; Jordan, L. & Prodan, A. C. (2020). *The UNESCO memory of the world programme: key aspects and recent developments*. Gland: Springer.

- Fonseca Filho, R. E.; Santos, B. H. & Castro, P. T. A. (2021). Proposta de Roteiro Geoturístico Urbano no Centro Histórico de Ouro Preto (MG). *Caderno de Geografia*, 31(65), 586-612.
- Fonseca Filho, R. E. & Moreira, J. C. (2017). O perfil do geoturista do Parque Estadual do Itacolomi, Ouro Preto e Mariana (MG). *Revista Espacios (Caracas)*, 38(47), 1-18.
- Gomes, R.; Castro, A. R. S. F. & Mansur, K. L. (2020). Consolidação da Geodiversidade como Patrimônio e o Valor Geológico dos Monumentos do Rio de Janeiro. *Anuário IGEO*, 43(3), 488-497.
- Gordon, J. E. (2018). Geoheritage, Geotourism and the Cultural Landscape: enhancing the visitor experience and promoting geoconservation. *Geosciences*, 8(4), 136-160.
- Grammont, A. M. (2006). Ouro Preto: problemas de um patrimônio histórico no início do século XXI. *Turismo - Visão e Ação*, 8(3), 455-46.
- Gray, M. & Crofts, R. (2022). The potential role of the geosciences in contributing to the UN's Sustainable Development Goals. *Parks Stewardship Forum*, 38(1), 64-74.
- Herrera-Franco, G.; Montalván-Burbano, N.; Carrión-Mero, P.; Apolo-Masache, B. & Jaya-Montalvo, M. (2020). Research trends in Geotourism: a bibliometric analysis using the Scopus database. *Geosciences*, 10(10), 379.
- Higgins, R. & Wood, J. (2011). Geoindicators: a tool for monitoring the ecosystem and understanding the resources. In: D. Harmon. *Crossing Boundaries in Park Management*. Hancock: The George Wright Society.
- Hose, T. A. (1995). Selling the Story of Britain's Stone. *Environmental Interpretation*, 10-2.
- Hose, T. A. (2003). *Geotourism in England: a two-region case study analysis*. Thesis, University of Birmingham, Birmingham.
- IBGE. (2020). *Questionários*. Acessado em <https://questionarios.ibge.gov.br/>
- León, C. G. R., & Delgado, A. B. G. (2021). As Percepções dos Residentes Sobre os Impactos do Turismo como Preditor de Participação Social. *Revista Latino-Americana De Turismologia*, 7(Single), 1-19.
- Lima, C. S. & Ruchkys, U. A. (2019). Potencial geoturístico dos distritos do município de Ouro Preto com uso de geotecnologias. *Geosul*, 34(70), 463-483. <https://doi.org/10.5007/2177-5230.2019v34n70p463>
- Lucon, T. N.; Prado Filho, J. F. & Sobreira, F. G. (2013). Índice e percentual de áreas verdes para o perímetro urbano de Ouro Preto – MG. *Revista da Sociedade Brasileira de Arborização Urbana*, 8, 63-78.
- Mantesso-Neto, V.; Mansur, K. L.; Ruchkys, U. & Nascimento, M. A. L. (2012). O que há de geológico nos atrativos turísticos convencionais no Brasil. *Anuário IGEO*, 35(1), 49-57.
- Matheus, F. S., & Raimundo, S. (2015). O Envolvimento das Comunidades Locais nas Políticas de Uso Público em Áreas Protegidas no Estado de São Paulo. *Revista Anais Brasileiros de Estudos Turísticos*, 5(3), 45-54.
- Meniconi, R. O. M. (1999). *A construção de uma cidade monumento: o caso de Ouro Preto*. Dissertação de Mestrado, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte.
- Minas Gerais. (2017). *Pesquisa de demanda turística – Ouro Preto*. Acessado em <https://www.observatorioturismo.mg.gov.br/?p=5313>
- Moreira, J. C. (2014). *Geoturismo e interpretação ambiental*. Ponta Grossa: Editora UEPG.
- Motta, L. A. (1987). SPHAN em Ouro Preto: uma história de conceitos e critérios. *Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional*, (22), 108-122.
- MTur - Ministério do Turismo. (2006). *Marcos conceituais*. Brasília: MTur.
- MTur - Ministério do Turismo. *Manual de Desenvolvimento de Projetos Turísticos de Geoparques no Brasil*. Brasília, MTur/Unesco. Acessado em <https://www.gov.br/turismo/pt-br/centrais-de-contenido-publicacoes/manual-de-desenvolvimento-de-projetos-turisticos-de-geoparques/ManualdeDesenvolvementodeProjetosTursticosdeGeoparquesnoBrasilV2.pdf>
- Navarrete, D. (2019). Turismo y Gentrificación en ciudades patrimoniales Mexicanas. Exclusiones sociales a través de las transformaciones urbanas y arquitecturales en Sitios Patrimonio de la Humanidad. *Anais Brasileiros de Estudos Turísticos*, 8(3), 32-46.
- Osipova, E., Wilson, L., Blaney, R., Shi, Y., Fancourt, M., Strubel, M., Salvaterra, T., Brown, C. & Verschuuren, B. (2014). *The benefits of natural World Heritage: Identifying and assessing ecosystem services and benefits provided by the world's most iconic natural places*. Gland, Switzerland: IUCN.
- Ouro Preto. (2017). *Perfil do visitante – Semana Santa Ouro Preto*. Acessado em https://turismo.ouropreto.mg.gov.br/static/semana-santa/Resultados_Semana_Santa_2017_divulgacao.pdf
- Paula, S. F. (2013). *Protocolo de avaliação e inventariação de lugares de interesse geológico e mineiro: bases para um turismo científico e aplicação em um circuito geológico e mineiro urbano (Ouro Preto) - MG*. Dissertação de Mestrado Universidade Federal de Ouro Preto, Ouro Preto.
- Pereira, L. S. (2017). 10 anos de pesquisa em geoturismo no Brasil: balanços e perspectivas. *Geografias*, 14(1), 106-117.
- Queiroz, Y. S.; Santos, E. A.; Madeira, M. R.; Nardy, B. C.; Guirra, A. P. M.; Freitas, R. D. A.; Assis, V. S. R.; Costa, A. T.; Castro, P. T. A. (2020). Estudo do potencial geoturístico do patrimônio mineiro da Serra de Ouro Preto, sudeste do Quadrilátero Ferrífero, MG. *Geonomos*, 28: 75-87.
- Rodrigues, S. de M., Mello Affonso, G. U. de, & Nascimento, M. A. L. do. (2022). The Panorama of Publications on Geotourism in Brazil from bibliometric analysis. *Revista Brasileira de Ecoturismo*, 15(4), 690-705.
- Roeser, H. M. P. & Roeser, P. A. (2010). O Quadrilátero Ferrífero - MG, Brasil: aspectos sobre sua história, seus recursos minerais e problemas ambientais relacionados. *Geonomos*, 18(1), 33-37.
- Salgado, M. (2010). *Ouro Preto: paisagem em transformação*. Dissertação de Mestrado, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte.
- Sepatri-OP. (2022). *Relação de bens tombados e registrados em Ouro Preto*. Acessado em: encurtador.com.br/CTU02
- Silva, F. G. (2007). *Pedra e cal: os construtores de Vila Rica no século XVIII (1730-1800)*. Dissertação de Mestrado, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte.
- Silva, F. S. (2016). *Os caminhos de Vila Rica no Século XVIII: as rotas pela Serra de Ouro Preto*. Monografia de graduação, Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Minas Gerais, Ouro Preto.
- Silva, G. B. da, Neiva, R. M. S., Fonseca Filho, R. E., & Nascimento, M. A. L. do. (2021). Potencialidades do geoturismo para a criação de uma nova segmentação turística no Brasil. *Revista Turismo em Análise*, 32(1), 1-18.
- Sousa, E. N.; Rodrigues, L. M. & Tomazzoni, E. L. (2016). Análise de Conteúdo: uma revisão preliminar dos seus domínios de

aplicação em investigações turísticas. *Anais...* ANPTUR, 15p.

Stolton, S. & Dudley, N. (2012). *Managing Natural World Heritage*. Paris: Unesco.

Štrba, L., Kolackovská, J., Kudelas, D., Krsák, B. & Sidor, C. (2020). Geoheritage and Geotourism contribution to tourism development in protected areas of Slovakia— theoretical considerations. *Sustainability*, 12, 2979-2099.

Unesco. (1972). *Convenção para a proteção do patrimônio mundial, cultural e natural*. Acessado em <https://whc.unesco.org/archive/convention-pt.pdf>

Vasconcellos, S. (1956). *Vila Rica: formação e desenvolvimento - Residências*. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Cultura.

Wijesuriya, G.; Thompson, J. & Young C. (2012). *Managing Cultural World Heritage*. Paris: Unesco.

Zanirato, S. H. & Ribeiro, W. C. (2014). Mudanças climáticas e risco ao patrimônio cultural em Ouro Preto – MG – Brasil. *Confins*, 21, 1-15. <https://doi.org/10.4000/confins.9673>

Agradecimentos

Os autores agradecem à PROPPI/UFOP e ao CNPq, pela bolsa de iniciação científica da coautora; ao auxílio financeiro do autor pela PROPPI-UFOP; ao Comitê de Ética em Pesquisa da UFOP pela licença de pesquisa; ao DETUR e ao PPGTURPATRI da UFOP pelo apoio aos professores; aos participantes da pesquisa pelas entrevistas; e aos revisores da ABET pelas contribuições para a melhoria do artigo.

Table 1. Credit author statement

Term	Definition	Author 1	Author 2	Author 3
Conceptualization	Ideas; formulation or evolution of overarching research goals and aims	X	X	X
Methodology	Development or design of methodology; creation of models	X	X	X
Validation	Verification, whether as a part of the activity or separate, of the overall replication/ reproducibility of results/experiments and other research outputs	X		
Formal analysis	Application of statistical, mathematical, computational, or other formal techniques to analyze or synthesize study data	X	X	
Investigation	Conducting a research and investigation process, specifically performing the experiments, or data/evidence collection	X	X	
Resources	Provision of study materials, reagents, materials, patients, laboratory samples, animals, instrumentation, computing resources, or other analysis tools	X		X
Data Curation	Management activities to annotate (produce metadata), scrub data and maintain research data (including software code, where it is necessary for interpreting the data itself) for initial use and later reuse			
Writing - Original Draft	Preparation, creation and/or presentation of the published work, specifically writing the initial draft (including substantive translation)	X		
Writing - Review & Editing	Preparation, creation and/or presentation of the published work by those from the original research group, specifically critical review, commentary or revision – including pre- or post-publication stages	X		X
Visualization	Preparation, creation and/or presentation of the published work, specifically visualization/ data presentation	X	X	
Supervision	Oversight and leadership responsibility for the research activity planning and execution, including mentorship external to the core team	X		X
Project administration	Management and coordination responsibility for the research activity planning and execution	X		
Funding acquisition	Acquisition of the financial support for the project leading to this publication	X		

Source: adapted from Elsevier (2022, s/p), based upon Brand et al. (2015).

Processo Editorial / Editorial Process / Proceso Editorial

Editor Chefe / Editor-in-chief / Editor Jefe: PhD Thiago D. Pimentel (UFJF).

Recebido / Received / Recibido: 20.06.2022; Revisado / Revised / Revisado: 26.08.2022 – 16.10.2022; Aprovado / Approved / Apobado: 26.10.2022; Publicado / Published / Publicado: 28.10.2022.

Seção revisada às cegas por pares / Double-blind peer review section / Sessão revisada por pares ciegos.